



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE BRAGANÇA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

FLAVINA DE OLIVEIRA SILVA

**ORGANIZAÇÃO E SABERES TRADICIONAIS NO EXTRATIVISMO DO
CARANGUEJO UÇÁ EM CARATATEUA, BRAGANÇA/PA, AMAZÔNIA**

BRAGANÇA-PA
2025

FLAVINA DE OLIVEIRA SILVA

**ORGANIZAÇÃO E SABERES TRADICIONAIS NO EXTRATIVISMO DO
CARANGUEJO UÇÁ EM CARATATEUA, BRAGANÇA/PA, AMAZÔNIA**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal do Pará (UFPA), Campus Universitário de Bragança (CBRAG), Faculdade de Educação (FACED), como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Pedagogia.

Orientador: Sebastião Rodrigues da Silva Junior

Co-orientador: Marcelo do Vale Oliveira

FLAVINA DE OLIVEIRA SILVA

**ORGANIZAÇÃO E SABERES TRADICIONAIS NO EXTRATIVISMO DO
CARANGUEJO UÇÁ EM CARATATEUA, BRAGANÇA/PA, AMAZÔNIA**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal do Pará (UFPA), Campus Universitário de Bragança (CBRAG), Faculdade de Educação (FACED), como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Pedagogia.

Orientador: Sebastião Rodrigues da Silva Junior

Co-orientador: Marcelo do Vale Oliveira

Data de aprovação: __/__/____

Conceito:

Banca Examinadora

Sebastião Rodrigues da Silva
Presidente - Universidade Federal do Pará (UFPA)

Marcelo do Vale Oliveira
Co-Orientador - Universidade Federal do Pará (UFPA)

Nádia Sueli Araújo da Rocha
Examinador 1 - Universidade Federal do Pará (UFPA)

Roberta Alexandrina da Silva
Examinadora 2 - Universidade Federal do Pará (UFPA)

Dedico este trabalho a Deus, porque dEle, por Ele e para Ele são todas as coisas.

À minha família, meu porto seguro e meus maiores incentivadores.

Em memória de meu avô, *Agapto Lobo*, que já não se encontra entre nós, mas permanecerá para sempre em minha memória e em meu coração.

A todas as pessoas que não tiveram a oportunidade de estudar, bem como àquelas que, por necessidade de trabalhar, precisaram interromper seus estudos.

AGRADECIMENTOS

À Deus, minha eterna gratidão, por me conceder a oportunidade de viver este sonho, por ser minha força nos momentos de fraqueza e por nunca deixar que eu desistisse. À Nossa Senhora, agradeço por sua intercessão, por me guiar e estar comigo em cada passo da minha caminhada.

Dedico esta conquista aos meus pais, Maria Amélia e Manoel Raimundo. Agradeço por todo o suporte, por me criarem com amor, integridade e persistência, princípios que levarei comigo para sempre. Não ingressei na universidade para me considerar superior a vocês, mas para tentar ser, ao menos, 1% de tudo o que representam para mim. Reconheço cada sacrifício realizado sob o sol intenso da roça e pelas longas noites de trabalho na maré, que tornaram possível a minha chegada à sombra e a acolhida de uma Universidade. Agradeço pelo incentivo de seguir meu sonho e por me mostrarem que, por mais que as coisas sejam difíceis, podemos superá-las se tivermos Deus no coração e força de vontade. Vocês são meu abrigo, meu tudo. Essa vitória não é apenas minha, ela é nossa.

Agradeço aos meus irmãos, Alessandro Silva, Manoel Oliveira, Adriano Oliveira e Fabiana Oliveira, por todo apoio e incentivo recebido ao longo desta trajetória. A presença de vocês sempre me fez lembrar de que eu jamais estaria sozinha, nem mesmo nos momentos mais difíceis. Sem vocês eu não teria conseguido. Sou grata à minha avó Maria Onilde e às minhas tias Clenis Barros e Marilza Souza, pelo constante apoio e presença em minha vida. Reafirmo o compromisso de retribuir, com dedicação e afeto, todo cuidado que recebi durante minha criação.

Ao meu marido, Juan de Andrade, meu companheiro de vida, agradeço por estar comigo nos momentos mais difíceis durante esta trajetória, por acreditar em meu potencial quando eu mesma duvidava e por todo incentivo e apoio. Sua ajuda foi fundamental para que eu chegasse até aqui. Esta conquista também é sua.

Às minhas grandes amigas, Jeane Santiago, Simone Conde, Mayara Reis e Allana Gonçalves, agradeço por tornarem os momentos exaustivos, mais leves e os mais simples, inesquecíveis. Vocês transformaram minha caminhada acadêmica em algo único e memorável. Obrigada por cada riso, cada encontro e cada instante vivido ao lado de vocês.

Aos meus amigos, Adson Silva, Jamilly Alves e Wevelly Perotes, pelo carinho e pelos aprendizados.

Aos Técnicos em Assuntos Educacionais, Prof. Dr. Marcelo Oliveira, Profa. Dra. Nádia Sueli e Me. Juciany Soares, agradeço pelas oportunidades de bolsas concedidas, que foram

essenciais para a minha permanência na universidade. Reconheço o apoio, os ensinamentos, o incentivo e todos os momentos de partilha ao longo deste processo.

À Universidade Federal do Pará (UFPA), à Universidade Federal do Maranhão (UFMA), ao Campus Universitário de Bragança (CBRAG/UFPA), ao Programa de Pós-Graduação em Linguagens e Saberes na Amazônia (PPLSA/UFPA), ao prof. Cleonilson Costa, à comunidade de Caratateua e ao interlocutor que se colocou à disposição para a construção deste trabalho.

“O principal objetivo da educação é criar pessoas capazes de fazer coisas novas, e não simplesmente repetir o que outras gerações fizeram.”

(Jean Piaget)

RESUMO

Nosso objetivo é compreender a organização e os saberes tradicionais da pesca artesanal do caranguejo-uçá na comunidade de Caratateua, em Bragança. Buscou-se evidenciar a transmissão desses saberes, a organização para a coleta do caranguejo-uçá e como essas práticas produtivas culturais e identitárias configuram e garantem a reprodução social e econômica dos pescadores artesanais. A pesquisa se fundamenta em referenciais teóricos sobre povos tradicionais, saberes tradicionais e pesca artesanal de acordo com Diegues (2005), Furtado (1990), Maneschy (2005) e Oliveira (2013) dialogando com estudos que abordam a relação entre comunidade extrativista e os saberes sobre os ciclos naturais. Metodologicamente, a pesquisa adotou uma abordagem de cunho qualitativa, conforme destaca Haguette (2003), fundamentada em levantamento bibliográfico, pesquisa de campo e entrevista semiestruturada realizada com um tirador de caranguejo da comunidade de Caratateua. Os resultados mostram que a pesca do caranguejo-uça é organizada coletivamente, considerando fatores ambientais como a maré, vegetação, ciclos lunares, além de envolver técnicas específicas de capturas, que são transmitidas por meio da vivência prática e da herança intergeracional.

Palavras-chave: Povos Tradicionais. Pesca artesanal. Saberes Tradicionais. Caranguejo-uçá. Caratateua.

ABSTRACT

Our objective is to understand the organization and traditional knowledge of artisanal crab (caranguejo-uçá) fishing in the community of Caratateua, in Bragança. The study sought to highlight the transmission of this knowledge, the organization of crab harvesting, and how these cultural and identity-based productive practices shape and ensure the social and economic reproduction of artisanal fishers. The research is grounded in theoretical frameworks on traditional peoples, traditional knowledge, and artisanal fishing, according to Diegues (2005), Furtado (1990), Maneschy (2005), and Oliveira (2013), in dialogue with studies that address the relationship between extractive communities and knowledge about natural cycles. Methodologically, the research adopted a qualitative approach, as highlighted by Haguette (2003), based on bibliographic review, field research, and a semi-structured interview conducted with a crab catcher from the Caratateua community. The results show that crab (caranguejo-uçá) fishing is organized collectively, taking into account environmental factors such as tides, vegetation, and lunar cycles, as well as involving specific capture techniques that are transmitted through practical experience and intergenerational heritage.

Keywords: Traditional Peoples. Artisanal Fishing. Traditional Knowledge. Uçá Crab. Caratateua.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 DESENVOLVIMENTO.....	12
2.1. Organização da pesca artesanal de caranguejo em Caratateua.....	12
2.2 Saberes da pesca artesanal de caranguejo em Caratateua	14
3 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	18
REFERÊNCIAS	19

1 INTRODUÇÃO

Os tiradores de caranguejos que trabalham nos manguezais, desenvolvem suas atividades em interação continuada com o meio ambiente, com base em um complexo conjunto de saberes tradicionais (Farias; Almeida, 2025; Almeida 2017) sobre recursos móveis, mangues, rios e mar. Esses trabalhadores são considerados intelectuais da tradição pois seus saberes são construídos a partir da experimentação, observação e da simbiose entre humano e natureza (Farias; Almeida, 2025; Almeida, 2017).

No Brasil, os tiradores de caranguejo estão incluídos na categoria de pescadores¹ artesanais. Entretanto, os estudos sobre as populações litorâneas vêm apontando que a expansão do mercado sobre o universo produtivo destas populações, tem gerado uma divisão do trabalho interna às comunidades pesqueiras, inclusive uma relativa divisão sexual do trabalho, reforçando a importância do papel das mulheres na cadeia produtiva, principalmente na fase de beneficiamento da produção da massa do caranguejo (Alves, 2003). Em diversas localidades, como é o caso de Caratateua, Bragança-PA, eles têm um modo de vida² baseado na pesca e no extrativismo do caranguejo-uçá (*Ucides cordatus*), podendo também exercer outras atividades econômicas, tais como o extrativismo vegetal, o artesanato e a pequena agricultura, o que configura uma economia de polivalência (Diegues, 2005; Furtado, 1990).

Nesse sentido, os saberes e práticas de um pescador artesanal de caranguejo precisam ser entendidos para além de uma atividade produtiva dentro dos meios de produção hegemônicos no sistema capitalista, se configurando como forma de reprodução social e perspectivas desse grupo específico e historicamente marginalizado.

Dados do início da década passada dos anos 2000 na região nordeste paraense, tornam evidente a importância do extrativismo do caranguejo-uçá como principal fonte de renda para 38% dos habitantes (Glaser; Cabral; Ribeiro, 2005). De acordo com Silva (2011), a produção anual de caranguejo no Município de Bragança era de 1.000 toneladas em 2004 e 1.200 toneladas em 2005, quantidade menor somente que o município de Quatipuru, considerando o nordeste paraense.

¹ A Lei da Pesca 11.959/09 define pesca “como toda operação, ação ou ato tendente a extrair, colher, apanhar, apreender ou capturar recursos pesqueiros” (BRASIL, 2009, p. 76).

² “A cultura é o modo de vida de um povo, o ambiente que um grupo de seres humanos, ocupando um território comum, criou na forma de ideias, instituições, linguagem, instrumentos, serviços e sentimentos.” (FIORIN, 2007).

O Município de Bragança possui área de 2.124,735 km², dista 210 km de Belém, capital do Estado do Pará. Sua população é de 123.082 habitantes, constituída por 61.581 homens, 61.501 mulheres, sendo 35.474 a população rural e 87.608 a população urbana (IBGE, 2022). O clima da área é equatorial, quente e úmido, caracterizado por uma estação muito chuvosa, entre os meses de dezembro e maio, e uma estação seca, nos demais meses do ano.

Caratateua se destaca entre as cinco comunidades da península bragantina com maior número de tiradores, pois somente nela há aproximadamente 80 tiradores, de acordo com o grupo pesquisado, sendo as outras comunidades citadas: Acarajó, Bacuriteua, Tamatateua, Treme e Bragança (Domingues, 2008).

Neste texto, objetivamos compreender a organização e os saberes de um pescador artesanal de caranguejo em Caratateua, Bragança, Amazônia. E as principais categorias analíticas consideradas para a compreensão do estudo são: Povos tradicionais, Saber tradicional e Pesca artesanal.

O procedimento metodológico utilizado é qualitativo (Haguette, 2003) e os métodos usados foram: levantamento bibliográfico, pesquisa de campo (entrevista semiestruturada) e análise de dados. O levantamento bibliográfico foi realizado no acervo disponível na biblioteca central do Campus da UFPA Belém e na biblioteca do Campus de Bragança.

De acordo com Pelegrini e Funari (2008, p.8), o objetivo é contribuir para a identificação, organização e registros das experiências coletivas que dizem respeito às múltiplas dimensões da vida social.

Realizamos uma entrevista semiestruturada com um interlocutor. Ela ocorreu em 28/05/2025 na comunidade de Caratateua, em uma igreja nas proximidades do porto local, com duração de 50 minutos. Participaram os autores e o interlocutor.

Partimos de temas gerais com a intenção de ter um caminho a percorrer. Porém nos preocupamos em não “amarrar” ou especificar as perguntas que tiveram caráter geral com foco ampliado, buscando a especificação da percepção e realidade vivida por parte do interlocutor. Direcionamos a entrevista de acordo com as respostas dadas, tendo os objetivos como norte. O interlocutor demonstrou interesse e esteve disponível para responder todas as perguntas e em nenhum momento hesitou em compartilhar suas experiências, considerando que já havia participado de entrevistas anteriores.

Para a análise de dados, Rudio (1986) afirma a importância do pesquisador em interpretar dados que expressem o significado do material coletado e que se apresentem interligados com os objetivos do estudo. Relacionamos os dados coletados nas entrevistas e as

observações, realizando cruzamentos com as teorias lidas, sempre tendo como norte a problemática e os objetivos da pesquisa.

Optamos em apresentar o presente artigo em duas partes: 2.1. Organização da pesca artesanal de caranguejo em Caratateua e 2.2. Saberes da pesca artesanal de caranguejo em Caratateua. Por fim, as categorias vão sendo acionadas a partir dos dados empíricos, analisando os achados da pesquisa.

2 DESENVOLVIMENTO

2.1. Organização da pesca artesanal de caranguejo em Caratateua

A comunidade do Caratateua tem grande parte das ruas asfaltadas, assim como seu acesso via PA-104. Os instrumentos públicos disponíveis são: 1 escola municipal; 1 escola estadual; 1 praça; 1 campo de futebol; 1 unidade básica de saúde, no entanto, como essa comunidade fica localizada dentro de Bragança, não possui dados populacionais específicos disponíveis nos registros oficiais como o Instituto Brasileiro de Geografia Estatística (IBGE).

O conceito de povos tradicionais usado é o de Diegues (2005) que abarca uma diversidade de populações, entre as quais se destacam na Amazônia: os povos indígenas, os caboclos e os ribeirinhos. Eles possuem um grande conhecimento empírico sobre rios, igarapés e manguezais e dos seres vivos encontrados nessas áreas; apresentam como características básicas sua vivência em áreas rurais, com grande dependência do ambiente que as cercam, tendo como premissas para o seu uso os seus ciclos (biológicos, climáticos, astronômicos, entre outros), visando à produção e reprodução de seu modo de vida.

Maneschy (2005) afirma que historicamente os grupos sociais que exploravam a região do nordeste paraense e, principalmente os manguezais, se constituíam de populações tradicionais, formadas geralmente por etnias indígenas e populações ribeirinhas. Suas práticas apresentavam baixo impacto sobre os estoques naturais, já que a lógica empregada por essas populações não tinha a perspectiva do lucro e da acumulação de capital.

Os povos tradicionais têm como unidade produtiva a força de trabalho familiar. Geralmente ocupam a região em que vivem há algum tempo, algumas há séculos, não tendo registro legal de propriedade da terra, com o pressuposto do uso comunitário do seu território regulamentado pela tradição e conhecimento empírico (Arruda, 1997). Algumas dessas populações produzem para sua subsistência e para a demanda do mercado, possuindo

conhecimento empírico aprofundado sobre os ciclos naturais e tendo como meio de repasse desses saberes a oralidade (Diegues, 2005).

Grande parte desses povos exercem atividades extrativistas ligadas à pesca artesanal, dentre as quais os tiradores de caranguejo. O conceito de pesca artesanal baseia-se em Diegues (2005) e refere-se a pescadores que se concentram nas regiões litorâneas, rios e lagos, possuindo um modo de vida baseado na pesca, mas exercendo atividades complementares, como o extrativismo vegetal, o artesanato e a pequena agricultura. A produção tem parte voltada para a subsistência e outra parte comercializada, e sua “unidade de produção é, em geral, familiar, incluindo na tripulação conhecidos e parentes mais longínquos”. Os tiradores de caranguejo são incluídos na categoria de pescadores artesanais, de acordo com a lei da Pesca, nº 11.959/09. Aqui a pesca é definida “como toda operação, ação ou ato tendente a extrair, colher, apanhar, apreender ou capturar recursos pesqueiros” (BRASIL, 2009, p. 76).

Os pescadores artesanais também são denominados pescadores de pequena escala (Berkes et al., 2006), sendo esta denominação hoje mais frequentemente utilizada pela Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação (FAO). As comunidades pesqueiras de pequena escala são caracterizadas pela falta ou reduzido poder político ou econômico, grande dependência de “recursos naturais móveis” e de ciclos de ordem ambiental e econômica. Outros fatores levantados pela FAO e citados por Maneschy, Lourenço e Henkel (2005) que afetam essas comunidades são: problemas de saúde; insegurança no acesso e diminuição dos recursos naturais; competições e conflito com barcos de pesca industrial, acusados de serem beneficiados pelo poder público em detrimento dos tiradores artesanais.

Tais questões de classificação são observadas em Caratateua, pois apesar da atividade principal ser a coleta de caranguejo, os tiradores também atuam em outras atividades, como exemplo a pesca de pequena escala, a agricultura e a coleta de outros mariscos, voltados para a alimentação da família. Dentro da atividade principal há também a destinação de uma pequena parcela de caranguejos para a família. Furtado (1997) relaciona três fatores importantes para a sobrevivência dos povos haliêuticos da Amazônia: a subsistência, o meio ambiente e continuidade como grupo social.

É uma comunidade construída a partir da pesca artesanal de crustáceo como caranguejo e sururu, cujos saberes culturais, identitários e ambientais se expressam na prática produtiva realizada em interação com o território (Costa; Costa; Oliveira; Vieira, 2024). A localidade de Caratateua se trata de um território tradicional, marcado pela presença histórica e pelo vínculo simbólico e cultural com a natureza, cuja prática depende dos saberes constituídos socialmente pelos sujeitos.

O nosso interlocutor apresenta essas características da comunidade, como exemplo, a apropriação simbólica e material do território que surge em sua trajetória de tirador de caranguejo. Ele se auto representa enquanto especialista nessa atividade, cuja prática contribui para a reprodução socioeconômica de sua família e de seu grupo social.

2.2 Saberes da pesca artesanal de caranguejo em Caratateua

O interlocutor iniciou nas atividades ligadas à pesca artesanal de caranguejo-uçá aos 10 anos de idade, e mesmo com o falecimento precoce de seu pai, o breve convívio entre eles foi o suficiente para que ele aprendesse os saberes e práticas tradicionais vinculados ao ofício da pesca, os quais foram aprimorados ao longo do tempo por meio da vivência prática e da herança intergeracional, consolidando sua identidade ao longo das décadas como “tirador” de caranguejo e fazendo desse conhecimento sua principal fonte de renda. Oliveira (2013) evidencia que, os saberes necessários na prática da atividade de coleta de caranguejos são aprendidos na relação instituída pela comunidade (pais e parentes) com as crianças locais, num processo pedagógico não-formal importante para a reprodução social das identidades locais.

O saber tradicional (Diegues, 2005; Maneschy, 2005; Furtado, 1997) é a fonte das cosmovisões construídas por esses grupos pela relação empírica com a natureza e com a sociedade, seus modos de vida, formas de organização social e para a prática dessas atividades extrativistas e sentidos para as relações sociais estabelecidas entre si e com os outros. Também como o conhecimento tradicional local influi nas tecnologias e técnicas construídas e utilizadas nas atividades extrativistas.

Apesar das adversidades físicas e sociais, conseguiu criar seus filhos por meio do trabalho do manguezal, garantindo acesso à educação formal e maiores oportunidades do que aquelas às quais vivenciou em sua trajetória.

Sempre digo para os meus filhos darem valor em mim, porque eu nunca tive na vida o que eles têm hoje. Hoje em dia eles têm de tudo e nunca usaram uma roupa amarrada na cintura, mas eu usei. Nunca andaram descalço. Eu andava. Eles nunca passaram fome e foi uma coisa que eu passava muito, porque não tinha nada para comer. Tinha dia que não tinha nada mesmo. (Interlocutor entrevistado em 28/05/2025).

Sua trajetória demonstra um percurso marcado por superações diante das situações de adversidade socioeconômicas que marcaram sua história e revela, de forma contundente, a centralidade da transmissão intergeracional de saberes no contexto da pesca artesanal. Autores como (Oliveira, 2013; Diegues, 2005; Furtado, 1990; Maneschy, 2005) evidenciam fatos similares nas pesquisas que realizaram em comunidades tradicionais pesqueiras no município

de Bragança e em outras regiões brasileiras. Desde os 10 anos de idade, participava ativamente do processo de coleta de caranguejos, reproduzindo em sua prática cotidiana os conhecimentos herdados do pai, “eu começava a meter o braço no buraco³ e tirava os caranguejinhos. Isso já era para me ensinar” (Interlocutor entrevistado em 28/05/2025).

A aprendizagem ocorre por meio da observação, da socialização e sociabilidade, compondo um repertório técnico baseado em saberes empíricos. Trata-se de uma forma de aprendizagem não institucionalizada formalmente, ancorada na oralidade e na experiência vivida individual e coletivamente. Essa prática de ensino por meio de vivências diretas configura o que Costa et al (2024) compreende como uma pedagogia não formal, na qual os conhecimentos empíricos e as técnicas de manejo são aprendidos pelos sujeitos desde a infância, assegurando não apenas uma reprodução econômica, mas também valores, práticas e propósitos para a continuidade cultural das comunidades extrativistas. Esse saber é transmitido como um legado, estruturando as identidades sociais e profissionais dos sujeitos que moram nos territórios de mangue.

Além de seus irmãos que também atuaram nesse trabalho durante a juventude, a reprodução deste ofício se manifesta em um de seus filhos, que apesar de ter concluído o ensino técnico, não se adaptou ao mercado de trabalho formal, optando por seguir o ofício do pai, enquanto os outros dois filhos, atuam na “marretagem⁴”. Em sua organização para a pesca, o interlocutor se desloca até o manguezal por meio de barco movido a motor, conforme a figura 1, e os apetrechos utilizados são ganchos e luvas que vão até o antebraço.

Figura 1: Barco movido a motor



Fonte: Pesquisa de campo, 2025.

³ O termo “buraco” é a forma como o interlocutor denomina as galerias dos caranguejos no manguezal.

⁴ O termo “marretagem” está relacionado a uma atividade comercial que envolve a intermediação na compra e venda de produtos oriundos da pesca.

Para a escolha do ponto de coleta, o grupo de 6 pessoas se reúnem na “popa”, parte da frente do barco, para dialogar sobre a melhor área a ser explorada, considerando fatores como a maré, vegetação e a intensidade da atividade extrativista em determinadas regiões. Áreas dominadas por árvores expostas como os “mangueiros”⁵ costumam estar mais próximas da superfície e apresentar melhor qualidade de carne, “no mangueiral o caranguejo tá mais bonito, tanto de qualidade quanto de gordo. Todo mundo já sabe disso e já corre em cima” (Interlocutor entrevistado em 28/05/2025). Nas áreas de “siribeiras”⁶, os buracos costumam ser mais profundos e os caranguejos são mais “magros”.

A região de Caeté-Taperaçú é a mais frequentada para a captura de caranguejos, porém, a crescente pressão sobre os recursos tem levado os tiradores a buscarem áreas menos exploradas, como o Rio da Peroba. Devido a esse fator, ao longo dos anos, é perceptível a redução na quantidade e no tamanho dos caranguejos e essa escassez tem motivado esse deslocamento dos tiradores para explorar áreas mais distantes a procura do “caranguejo de cabelo branco” (uçá), preferido por ser mais fácil de sair do osso no momento da catação e apresentar carne de melhor qualidade. Esse movimento está diretamente ligado ao modo de produção capitalista, pois, ao perceberem que a captura do caranguejo proporciona retorno financeiro imediato, cada vez mais pessoas passam a se envolver nessa prática, o que intensifica a pressão sobre o ecossistema do mangue. Com foco no mercado externo, a partir de 1977, a coleta de caranguejo se expandiu devido ao baixo custo, à proximidade com o lar e com o rápido retorno financeiro, o que favoreceu o aumento de trabalhadores e especialização da atividade (Araujo; Milani, 2017).

A coleta de caranguejo é realizada de segunda a sexta-feira no período da manhã com retorno às 14h ou 15h da tarde, porém, em áreas mais distantes, os tiradores permanecem até 3 dias no manguezal. Ao retornarem à comunidade, a divisão do produto ocorre de acordo com a quantidade coletada, assim como afirma Araújo e Milani (2017, p.73) “verificou-se que nos períodos de janeiro a março os tiradores de caranguejo conseguem uma boa produção”, pois a produção enfrenta sazonalidades. No inverno (nota), época considerada de baixa produtividade, esse número é reduzido para 100 a 150 por pessoa, devido a mudança de carapaça⁷. A captura deste crustáceo é feita durante todos os meses do ano, sendo suspensa no período de defeso,

⁵ Mangueiro é a forma como os tiradores de caranguejos locais se referem a árvore do mangue *Rhizophora mangle*.

⁶ Siribeira é a forma como os tiradores de caranguejos locais se referem a árvore do mangue *Avicennia germinans*.

⁷ Conceituação de carapaça disponível em: <https://www.peritoanimal.com.br/anatomia-do-caranguejo-25134.html>. Acesso em 23/07/2025.

período que serve para a reprodução da espécie (Farias, 2014). Nesse ciclo, os tiradores são obrigados a interromper temporariamente suas atividades, e por mais que sejam associados a Reserva Extrativista (RESEX) não recebem nenhum tipo de auxílio durante esse período, afetando significativamente sua renda e prejudicando as famílias que dependem dela.

Os caranguejos são vendidos ao interlocutor, pois além de atuar como pescador também exerce a função de marreteiro, repassando a produção para as unidades de beneficiamento localmente denominadas de catação⁸ e após esse processo, revende a massa para outro comprador que destina ao mercado consumidor. O valor da polpa⁹ sai em média para os compradores a R\$45,00 e a “pera” (conjunto de 14 caranguejos) varia conforme a estação do ano, no inverno pode atingir o valor de até R\$30,00, enquanto no verão o preço fica em torno de R\$20,00. Vale ressaltar que a pesca desse crustáceo é toda voltada ao comércio e nenhuma parte desta produção é para a autoalimentação.

No momento da entrada no manguezal para a coleta do caranguejo, há o acionamento de vários saberes fundamentais para a atividade. Abaixo elencamos alguns:

Ao chegarem no mangue, um dos principais saberes que os tiradores usam na comunidade do Caratateua é a influência que a maré exerce sobre os dias e horários que serão trabalhados dentro do manguezal. Dependendo do horário em que as marés sobem ou descem, a cada dia esse movimento adianta em uma hora, o horário de ida e volta podem se alterar, pois é preciso que a maré esteja baixa para que o manguezal não seja inundado dificultando a localização dos buracos dos caranguejos (Oliveira, 2013).

Assim como afirma Oliveira, Maneschy (2014, p.134) “Os ‘tiradores’ detêm elaborado conhecimento sobre o ambiente em que atuam, incluindo os ciclos biológicos do caranguejo, as fases lunares e as marés, que influenciam na organização e nas técnicas de captura”. Em período de lua cheia, a maré fica alta e os caranguejos se recolhem no fundo, dificultando sua captura. Marés de “quarto”, por sua vez, são consideradas favoráveis, pois apresentam menor amplitude das águas, sendo ideal para a pesca, ou seja, a pesca é viável apenas quando a maré escoa.

Um dos principais elementos que chamam atenção dos ‘tiradores’ são os rastros deixados pelos caranguejos na entrada dos buracos, sendo possível identificar se aquele crustáceo é macho ou fêmea. Segundo ele, rastros mais finos indicam a presença de fêmeas, enquanto os mais grossos indicam machos, além disso, no momento da captura, eles também

⁸ A catação é processo de limpeza, esquartejamento e retirada da carne do corpo do crustáceo, realizado após o cozimento, com fins comerciais. (Costa; Oliveira; Vieira, 2024).

⁹ A polpa é a junção da carne retirada dos caranguejos.

conseguem fazer essa diferenciação, pois as fêmeas são menores, possuem o “abdômen mais largo, patas quadradinhas e unhas curtinhas” (Interlocutor entrevistado em 28/05/2025). No momento da coleta, denominado localmente como ‘agarramento’, o som produzido pelo gancho ao tocar o animal permite a identificação do sexo: “o barulho do macho é ‘rec rec, rec’ e o da condurua é ‘toc, toc, toc’ (Interlocutor entrevistado em 28/05/2025).

A profundidade dos buracos influencia na escolha das técnicas de coleta e no uso ou não do instrumento (tecnologia). Por exemplo, se o buraco for muito fundo, utiliza-se o gancho, se for mais raso, o braço, isso dependerá das condições específicas do local. Na segunda, o tirador coloca o braço dentro do buraco até capturar o caranguejo. Para que essa captura seja feita, o pescador precisa praticamente deitar no chão de forma que o braço entre o mais fundo possível até o final do buraco (Oliveira, Maneschy, 2014). “Para proteger as mãos e o braço, é comum o uso de luvas com tecido resistente, agregando proteção adicional para os dedos”, como afirmam Oliveira e Maneschy (2014, p.134).

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesca artesanal do caranguejo-uçá em Caratateua é organizada de forma coletiva. Os tiradores definem os pontos de coleta com base em seus saberes e fatores como a maré e vegetação. Para realizarem as atividades, os tiradores utilizam barco e alguns apetrechos como luvas e ganchos, a depender dos locais de coleta. A rotina segue os ciclos naturais do manguezal e é adaptada às condições ambientais e à distância das áreas exploradas.

Os conhecimentos mobilizados pelos tiradores representam um saber tradicional construído na relação direta com a natureza e transmitido oralmente entre gerações por meio das vivências e das práticas cotidianas do manguezal. Esses saberes estão relacionados às técnicas da coleta e as experiências empíricas, culturais, identitárias e territoriais, que moldam as vidas dos sujeitos e organizam suas rotinas de acordo com os ciclos naturais. Esses conhecimentos desenvolvidos fora dos parâmetros formais, configuram uma pedagogia não formal. Dessa forma, esses conhecimentos asseguram a continuidade dos modos de vida tradicionais, sustentando a reprodução social e cultural dos grupos que habitam no território do mangue e deles tiram o sustento de suas famílias e lhes atribui o sentido da existência e resistência frente às pressões externas que ameaçam sua permanência.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, M. C. **Complexidade, Saberes Científicos, Saberes da Tradição**. 2. ed. e ampl. - São Paulo: editora livraria da física, 2017.

ARAÚJO, S. P.; MILANI, D. "**Reflexões sobre o papel social da mulher catadora de caranguejo da comunidade amazônica de Caratateua, Bragança-PA.**" Anais do Congresso Internacional da Faculdades EST. Vol. 3. 2017.p,73.

ARRUDA, R. **Populações 'Tradicionais' e a proteção dos recursos naturais em Unidades de Conservação**. Anais do Primeiro Congresso Brasileiro de Unidades de Conservação, vol. 1, Curitiba, Brasil, p. 262-276, 1997.

BERKES, F. MAHON, R.; MCCONNEY, P.; POLLNAC, R.; POMEROY, R. (autores da versão original em inglês); KALIKOSKI, D. C. (Org. edição em português). **Gestão de pesca de pequena escala: diretrizes e métodos alternativos**. Rio Grande, Editora FURG, 2006.

BRASIL. Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. **Lei nº 11.959, de 29 de junho de 2009**. Dispõe sobre a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável da Aquicultura e da Pesca, regula as atividades pesqueiras, revoga a Lei no 7.679, de 23 de novembro de 1988, e dispositivos do Decreto-Lei nº 221, de 28 de fevereiro de 1967, e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 30 jun. 2009.

COSTA, C. R. da; COSTA, M. C. G.; OLIVEIRA, M. V.; VIEIRA, N. C. **A pedagogia não formal e a transmissão de saberes na catação do caranguejo-uçá (*Ucides cordatus*) em Caratateua, nordeste paraense, Amazônia (Brasil)**. *Revista Educamazônia: Educação Sociedade e Meio Ambiente, Humaitá, Manaus*, v. 17, n. 1, p. 191-208, 1 jan. 2024.

DIEGUES, A. C. S. Aspectos sócio-culturais e políticos do uso da água. In: **Plano nacional de Recursos Hídricos**. Brasília: MMA, 2005. Disponível em: <<http://nupaub.fflch.usp.br/sites/nupaub.fflch.usp.br/files/color/agua.pdf>>. Acesso em: 01/07/2025.

DOMINGUES, D. **Análise do conhecimento ecológico local e do sistema produtivo como subsídio para gerar instrumentos de gestão da atividade de exploração do caranguejo-uçá (*ucides cordatus linneaus, 1763*) nos manguezais da Reserva Extrativista Marinha Caeté-Taperaçu, Bragança-Pa**. Dissertação (Mestrado), Universidade Federal do Pará (UFPA), 2008.

FARIAS, M. S. **Comunidades em zona de amortecimento de resex marinha: a cartografia participativa como instrumento de identificação do território de uso dos pescadores da Vila de Caratateua, Bragança-Pa**. 2014.

FARIAS, C. A; Almeida, M. C. **Educação e SABERES DA TRADIÇÃO**. 1º ed. São Paulo. LF Editorial, 2025.

FIORIN, J. A. **A organização das sociedades humanas na história da humanidade**. Ijuí: Sapiens Editora, 2007. p.145.

FURTADO, L. **Características gerais e problemas da pesca Amazônica no Pará**. Belém: Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi, Série Antropologia, Vol. 6, 1990.

FURTADO, L. Problemas ambientais e pesca tradicional na qualidade de vida da Amazônia. In: Furtado, L (Org.). **Amazônia: desenvolvimento, sociodiversidade e qualidade de vida**. Belém, UFPA, NUMA, 1997.

GLASER, M., Cabral, N., Ribeiro, A. **Gente, ambiente e pesquisa: manejo transdisciplinar no manguezal**. Belém: NUMA/UFPA, 2005.

HAGUETTE, T. M. F. **Metodologias Qualitativas na Sociologia**. São Paulo. Editora Vozes, 11º ed. 2003.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA ESTATÍSTICA (IBGE). Censo Demográfico 2022. Rio de Janeiro: IBGE, 2022. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/pa/braganca.html>. Acesso em: 01/07/2025.

MANESCHY, M. C. A. Sócio-economia: trabalhadores e trabalhadoras nos manguezais. In: Fernandes, M. E. B. (Org.). **Os Manguezais da Costa Norte Brasileira**. Maranhão: Fundação Rio Bacanga, 2005. P. 135-164.

OLIVEIRA, M. V. **Trabalho e territorialidade no extrativismo de caranguejos em Pontinha de Bacuriteua, Bragança-Pará**. Dissertação de Mestrado (Programa de Pós-graduação em Biologia Ambiental). UFPA, 2013.

OLIVEIRA, M. V.; Maneschy, M. C. A. **Territórios e territorialidades no extrativismo de caranguejos em Pontinha de Bacuriteua, Bragança, Pará**. Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi. Cienc. Hum., Belém, v. 9, n. 1, jan.-abr. 2014.

PELEGRINI, S.; Funari, P. P. **O que é patrimônio cultural imaterial**. São Paulo: Brasiliense, 2008.

RUDIO, F. V. **Introdução ao projeto de pesquisa científica**. Petrópolis: Vozes, 1986.

SILVA, A. L. da. **Entre tradições e modernidade: conhecimento ecológico local, conflito de pesca e manejo pesqueiro no rio Negro, Brasil**. Belém: Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi, Ciências Humanas, v. 6, n. 1, jan./abr. 2011, 141-163p.